

Laureana Maria Santos Barbosa
Universidade de Aveiro
Línguas e Estudos Editoriais (2.º ano)

Livro: O ano da morte de Ricardo Reis, José Saramago

Prelúdio das Velas de Maio

O silêncio supera as raízes familiares.

Pelo menos, na mesa dos Sampaio. O notário comia com apetite saudável enquanto a sua herdeira debicava como o passarinho que é e não pode voar, mas paira com as incomensuráveis asas da inocência, pois não chega ao horizonte da compreensão. Hoje esquecerá Ricardo Reis. Hoje, domingo, 30 de maio de 1937. Nove meses após a sua morte.

Ocasionalmente, por entre a conversa fria, Marcenda, inquieta, lançava um olhar furtivo em direção à mesa eleita do, outrora, poeta. À frente tinha o pai, carrancudo.

A essa hora podiam estar lá em cima, no Norte, onde o povo se junta em procissões de velas para encerrar o mês de Maria, os vizinhos alumiam as varandas com velas em gestos de fraternidade, e as crianças, que já comungam, puxam fitinhas de cetim amarradas ao andor da Mãe. Guiam-se por um rio Douro, que reflete a luz da fé humana, e as preces inundam o céu rosado pelo verão já impaciente. Todavia, Marcenda já está farta de peregrinações infiéis, (a fé já há muito que se perdeu no caminho da insegurança), farta de possibilidades vazias sobre a sua mão morta, e farta da sombra da amante do pai.

Esbarra na empregada do Hotel Bragança quando ambas saíam. Uma determinada como nunca, a outra decidida como sempre. Trocam desculpas, embaraçadas, mas o rubor que lhes sobe à face é de reconhecimento. Sabem bem porquê. Lídia estava ainda mais volumosa do que na última vez em que se encontraram, quando limpava o quarto de Marcenda. Não conseguia sequer trocar as fronhas das almofadas sem suar profusamente e arquear as costas pelo peso do pequeno mundo que carrega, debaixo de um avental de criada.

Marcenda estava agora no cais, contemplando o espetáculo do mundo. A chuva oferecera tréguas e alguns homens, ébrios, saíram para aproveitar o que restava da noite, que não é criança nenhuma, e bem mais vigilante que Victor. Perto, Ugolina, de olhos protuberantes, farejava a calçada lisboeta, ansiosa com a ninhada que já lhe salta na barriga. Um gato escanzelado foge

perante a sombra do canídeo. O ar cheirava a fritos e cebola, (que ainda é cedo para cheirar a cravos), dava-se início a uma partida de cartas no inóspito bar da esquina e as lojas fechavam apressadamente, como que por medo do escuro. Portugal é isto: uma taberna, mercearia vendida a granel e a calçada molhada, sem esquecer o escuro véu de uma viúva saudosa, num eterno anseio por quem já não volta.

E quem sentirá a falta de Marcenda? O assento à frente do pai ainda não arrefeceu e já imagina a amante a acomodar-se nele. Um notário não come sozinho. Na cozinha já não vão ter de lhe cortar a carne ou filetar o peixe, o quarto de hotel estará vago e o seu processo clínico, arquivado, a acumular pó. Será só menos uma flor no jardim.

E murchou. Empunhava agora o livro contra o peito, que encontrou molhado numa poça, carcomido pelo salitre. Deixou-se estar, assim, na passividade que a submerge perante o Tejo calmo, e não só. Nas profundezas já esteve toda a vida. Confronta-se com a impotência perante a inevitabilidade, aquilo que já parecia destinado mesmo quando na realidade a vida não tem sentido, passa simplesmente como uma lágrima solitária. O sentido tem de lhe ser atribuído, as decisões, a esperança cresce e renova-se. Mas como se define uma vida cuja maior decisão foi terminá-la?

Quebra a barreira entre os dois elementos, o ar e a água, sem nenhuma permissão que não a sua. Decidida. Os seus contornos delgados são agora um mero esboço de uma verdadeira musa, qual ninfa do Tejo. O pó de arroz, o batom, a ingenuidade, essa fragilidade despida, todos os seus traços se desvanecem. O livro já está bem lá no fundo, inalcançável. Marcenda só é completa na morte, e assim se deita como as flores na água, ao encontro dos que partiram.

Já Lídia, toda ela é vida, vivaz, vivaça. Imarcescível. A mãe portuguesa que ao mesmo tempo se contorcia de dores, já em casa, na cama. Está na hora.

A sua mãe improvisa um altar com a santinha que tem à cabeceira, e roga por uma hora pequena. As vizinhas atropelam-se à sua frente num frenesim de toalhas, pachos, água morna e ave-marias mal rezadas, mas o que interessa é a intenção. Lídia esforça-se uma última vez. Decidida. A visão turva-se, e chora. Todo esse dom da vida já lhe sabe à mais amarga despedida, porque sabe que não tem tempo.

Também ela agora se desvanece. Gostaria de acreditar que tem encontro marcado com Ricardo Reis, algures à beira-mar ou à beira-rio, tanto faz. Algures onde se veja o rubor do céu e o verão se acalme. As velas não são precisas, ficam para os vivos. Parariam a meio do caminho para Lídia apumar as lapelas do casaco do senhor doutor e lhe colocar no peito uma flor, Marcenda. Mas se não se encontrarem agora, não faz mal, talvez na próxima eternidade. Agora sim, há tempo.

E o que é o tempo senão uma canção, um prelúdio, uma ária, um solo de um sopro que se esvai no sono leve de uma criança que acorda para o mundo, e chora, talvez contrariada por uma força

maior que a trouxe cá, de mãos estendidas e cúmplice do mundo, ou talvez porque tem de lutar por um futuro que não sabe se será realmente seu.

A velha mãe que perdeu os filhos para a vida embala o neto, que a recebe. Fez, por isso, as pazes com o luto. Ainda se têm um ao outro. É um início no meio de tantos fins. O cheiro quente da sua velhice encobre as sábias lições de uma existência porque são os espelhos que envelhecem, desfolham as arestas do corpo mas a seara vive do calor maternal. A voz poética que narra, agora sussurra:

E que te promete a vida, bebé, se és filho de ninguém, concebido pela imaginação Saramaguiana?
O que te aguarda?

Chamar-te-ás Daniel em homenagem ao teu tio, bravio como o mar. A maré sobe, acalenta o luar que chora porque a lua é uma triste poeta, e as gotas fazem-te esquecer as curtas memórias. Todos se esquecem do que é nascer para que não o façam outra vez. As lágrimas cristalizam e adornam-te os sonhos. Dizem os populares que estes são cor-de-rosa.

Aprenderás a desviar-te da trajetória (quase) certa do chinelo depois das asneiras e a jogar ao pião.

Aprenderás que a poesia não tem sinónimos.

Aprenderás que é com a simplicidade que se vence na vida.

Desse modo, não te percas na busca incessante pela identidade. Sê logo inteiro como os poetas.

Inquieta-te! Agora. Já. De imediato. A qualquer momento. De coração aberto. É o suficiente.

Mas por enquanto sossega, e aproveita...

O colo de uma avó não é eterno.